

O analista das 100.000 horas

Emilio Rodrigué

A trajetória de Emílio Rodrigué resume cinquenta anos da história da psicanálise. Refletindo sobre sua formação, ele nos mostra como vida e trabalho se entrelaçam.

“**F**ança uma pequena conta comigo: Passei 25 anos como analista, psicanalizando. Suponha que trabalho 10 meses por ano, descontando férias, gripes e eventuais preguiças em duras manhãs de inverno. Ritmo enérgico que me leva as cinquenta horas de trabalho por semana. Cada mês tem quatro semanas e um resto, mas podemos arredondar:

25 por 10 por 50 por 4

O que dá:

50.000 horas.

Cinquenta mil horas de psicanálise. A pilha de zeros gera uma certa irrealidade, como se dissesse que percorri um ano-luz ao divã. Milhares de minutos falando e milhões de minutos escutando ou me distraíndo. Oceanos de atenção fluuante em que, as vezes, sentia a grande interpretação na ponta de minha língua mental. A onipotência de ter em minha mão a compreensão total dos enigmas psicopatológicos, as chaves da alma, o jeito de ser dos pacientes. Mas também fiz invisíveis caretas de desespero e houve momentos em que duvidava de tudo em geral e, em especial, do que estava fazendo.

Foi uma aventura.”

Assim começava meu artigo “O paciente das 50.000 horas”, escrito para o *International Journal of Psycho-Analysis*. Pois bem, fui convidado a apresentar um artigo para as Bodas de Ouro da revista. Eu era um dos figurões máximos da IPA. Aquele artigo foi meu “bilhete” de despedida da IPA.

Hoje em dia, passados mais de 20 anos, imagino que alcancei as cem mil horas. Anos milenares num roteiro cujo *path* foi Buenos Aires, Londres, Massachusetts, Madri, Salvador-Bahia. Mas começemos pelo começo, ponto de partida deste currículo saudosista:

Nasci em 1923, em Buenos Aires, caçula temporão, sétimo filho de uma família francesa abastada que lembro como feliz. Meus irmãos estavam *à la page* e cedo ouvi falar de Freud, pronunciado à francesa. Bom aluno, mais por malícia que por esforço, cursava o segundo ano de medicina quando pensei seriamente em pendurar o bisturi para criar ovelhas na Patagônia. A piada de que um analista é um jovem judeu que tem horror a sangue se aplicaria a meu caso. Como meus

Emilio Rodrigué é psicanalista e autor de diversos livros. Reside atualmente em Salvador, BA.

pais não se escandalizaram frente à minha desistência, perplexo, decidi continuar.

Meu pai foi figura importante em minha entrada na psicanálise: *Bon vivant*, excelente jogador de bridge, grande pescador e leitor, ele era um mestre do ócio. Ateu, passava as tardes em seu escritório, fumando seu cachimbo, lendo a vida dos santos e as obras completas de Sigmund Freud.

E aqui vem minha primeira confissão: a porta de entrada na psicanálise foi *A Mulher Frígida* de Wilhelm Stekel. Suas fascinantes e escabrosas histórias me seduziram, levando-me a desistir das gélidas ovelhas. Lembro-me de uma paciente em particular: tratava-se de uma moça, com incontinência urinária, que se viu assediada por um jovem fixado no estádio uretral da libido. Resultado: um casal superentrosado.

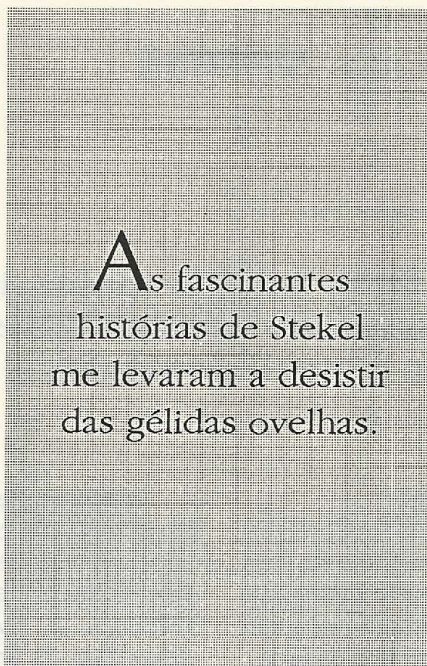
Não é só por gratidão que recupero o nome de Stekel. A história da psicanálise está repleta de injustiças: Stekel foi o pai do simbolismo. Um episódio, narrado por Jones, torrou sua reputação. Trata-se de um ensaio sobre a importância dos sobrenomes - do nome do pai, seria - na eleição de profissão. Stekel mencionava um considerável número de pacientes cujos nomes tinham influenciado decisivamente suas escolhas profissionais.¹ Quando o Professor, incrédulo, lhe pergunta como conseguiu tantos casos, ele responde com um sorriso tranquilizador: "São todos inventados".²

Digamos de passagem que este tema de "inventar histórias" é endêmico em nossa ciência, começando por Freud e sua "Lembrança Encobridora", seguido por Hug-Hellmuth e seu *diário de uma Adolescente*, Anna Freud em seu trabalho sobre espancamento, Melanie Klein com seus filhos, etc.

Comecei a analisar-me, na metade de minha formação médica, com Arnaldo Rascovsky. Ainda estudante cursei os seminários e rece-

bi meu primeiro paciente, uma mulher com mal de Cushing, em fase terminal, que acabou morrendo no hospital onde a atendia. Aqui cometi meu primeiro grande erro: a paciente pediu que segurasse sua mão e eu, calouro apavorado de 23 anos, me neguei, atuando segundo manda o manual...

Essa paciente pinta bem essa época em que se pensava que a psicanálise podia curar qualquer mal, desde o Cushing até o câncer. Imagino que o jovem movimento da APA, na década dos anos 40, tem



bastante em comum com as reuniões das Quartas-Feiras em 1905. Falando desses anos, meu mentor Stekel teve o seguinte a dizer: "Havia uma completa harmonia entre nós cinco, nenhuma divergência, éramos como pioneiros numa terra recém descoberta, e Freud era o líder. Parecia saltar uma faísca de um cérebro para o outro e todas as noites eram como uma revelação".³ O impossível era possível.

Foram tempos tormentosos que terminaram em briga. Na época, uma disposição da Associação Psicanalítica Argentina (APA) reza-

va que, se você deixasse sua análise formativa, nenhum outro analista didático poderia abrigá-lo em seu divã.

Tempos difíceis. Uma razão de minha briga com Rascovsky foi meu interesse por Melanie Klein, e particularmente por Fairbairn. Com a carreira barrada no Rio de la Plata, escrevi a Fairbairn pedindo análise. Este analista, radicado em Edimburgo, não tinha funções didáticas e recomendou-me Paula Heimann. Ele me aceitou como paciente; assim foi como parti para Londres em 1948, carregando uma salutar dose de paranóia. Quando baixou a poeira, constatei que esse primeiro período rascovskiano tinha dado seus frutos. Ele me tirou de uma adolescência marcada pela inibição e pela puerilidade, tornando-me um jovem paranóico batalhador.

Londres, 1948, cidade ferida que lambia suas crateras de guerra. Anos duros onde um ovo era um luxo. A guerra havia terminado, mas a "Grande Controvérsia" entre Anna Freud e Klein continuava a fogo cruzado. Meu bando, grupo kleiniano, grupo "a", mal se falava com o grupo "b", ou annafreudiano. Dessa forma perdi a oportunidade de assistir aos seminários de Anna Freud.

Ponto importante: durante minha estadia em Londres, apareceu o primeiro volume da biografia oficial de Jones. *Antes* dela, para mim, e para os candidatos de minha turma - o amigo de Freud era Breuer; não se sabia da existência de Fliess. A partir daí os analistas precisaram assimilar o impacto das revelações, precisando resignificar a vida privada do Mestre.

Conheci um Jones velho irônico, polemizando na discussão de trabalhos de Bion e Balint. Fui vizinho de Mrs. Klein por mais de dois anos. Participei de seminários de Rickman, Glover, Milner e Bion, e mais tarde troquei cartas com Winnicott. Tomei chá com Alix Strachey, servido por Mrs. Lindon, a bibliotecária do Instituto Britânico de Psicanálise.

Minha passagem pelo divã de Paula Heimann foi uma experiência tão forte que posso fazer minhas as palavras de Strachey falando de sua análise com Freud:

Cada dia, exceto aos domingos, passo uma hora no divã do Prof. e a "análise" oferece uma contracorrente para a vida. Agora, a respeito do que se trata, estou mais confuso que nunca, mas, seja como for, se trata de algo extremamente excitante e, as vezes, extremamente desagradável - de modo que acho que de algo vale. O Prof. é muito amável e brilhante em seu virtuosismo como artista. Quase toda sessão se monta como uma unidade estética totalizante. Algumas vezes o efeito dramático é devastador. Durante o começo da hora tudo fica vago - uma alusão obscura aqui, um mistério lá - e as coisas ficam cada vez mais espessas e você se sente cada vez pior. Logo ele te dá um ligeiro toque e você vislumbra um pequeno fato, e depois outro, e de repente uma série de luzes se acendem; ele faz a última pergunta, você dá uma última resposta e, quando a verdade total se te apresenta, o Professor se levanta, cruza o quarto na direção da campainha, e te mostra a saída.

Mas isso não acontece sempre:

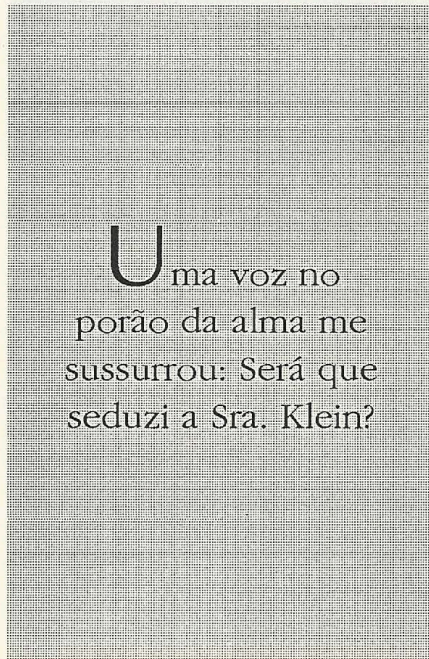
Outras vezes você faz uma hora toda, com uma tonelada de peso no estômago, incapaz de proferir uma palavra. Acho que isso, mais que nada, te leva a acreditar na coisa toda. Quando se sente concretamente a "resistência" como algo físico que toma conta de você, a gente fica mexida pelo resto do dia.⁴

Talvez analisar-me numa cidade estranha, onde não tinha outra coisa a fazer senão analisar-me, foi o que deu às sessões essa intensidade, essa "unidade estética totalizante", que depois encontrei em alguns laboratórios sociais, na atmosfera do amor instantâneo de um fim de semana.

Dois encontros, fora a análise, marcaram minha estadia em Londres. A primeira sessão com uma

criança pequena foi uma delas. Coloquei brinquedos na mesa, junto com tesouras, etc. A criança começou um jogo, eu interpretei e ante meu assombro, ela continuou brincando de tal maneira que resultava evidente que as coisas incríveis que eu tinha dito se confirmavam. Puxa, quer dizer que a psicanálise realmente funciona...

O segundo encontro memorável foi com Bion na clínica Tavistock. Assisto como observador a várias sessões de terapia grupal, e uma vez mais, constato que o grupo funciona. Entusiasmo com Bion.



Uma voz no porão da alma me sussurrou: Será que seduzi a Sra. Klein?

A esta altura do campeonato, a modéstia não cabe. Eu fui um brilhante discípulo de Melanie Klein. Tenho duas provas de meu sucesso: 1- Melanie Klein confiou-me sua neta caçula em análise (coisa que Grosskurth negligenciou em sua biografia), 2- fui solicitado para colaborar no livro em homenagem aos 70 anos de Melanie Klein, denominado *New Directions in Psychoanalysis*.

O triunfo não foi completo na medida em que uma voz, no porão da alma, sussurrou-me que não era bem assim, será que seduzi a Se-

nhora Klein? Talvez por isso fui alvo certo de inveja.

A volta do filho pródigo kleiniano, com sotaque inglês, foi triunfal. A estrela de Melanie Klein reinava absoluta no Cone Sul. Fui convidado à São Paulo de Adelaide Koch e ao Rio de Pacheco para dar seminários e supervisões. Participei na formação do grupo do Uruguai.

Destaco três flashes. O primeiro foi meu contínuo interesse pela análise de crianças. Tomei um menino autista de 3 anos, Raul, que foi o material clínico do trabalho para os *New Directions*. Na árdua redação desse trabalho, Pichon Rivière me ofereceu uma ajuda inestimável.

Em segundo lugar: Marie Langer. Dirigimos o primeiro grupo terapêutico juntos e passamos da co-terapia a uma amizade que durou até a hora de sua morte. Juntos escrevemos, com Leon Grinberg, o livro sobre *Psicoterapia de Grupo*, e fundamos a *Sociedade de Psicoterapia de Grupo Argentina*.

A modo de digressão, há pouco tempo reli esse artigo sobre o menino autista, e me defrontei com o fato de que eu analisava Raul com paletó e gravata! Eu era um jovem analista formal e convencional, como mandava o manual da Associação Psicanalítica Argentina. Muitas águas correram sob a ponte do Rio de la Plata.

Em terceiro lugar, outra Langer, Suzanne. Esta história é tão redonda e bonita que nunca me animei a narrá-la. Por volta de 1956 eu estava escrevendo um artigo sobre simbolismo e, para concluí-lo, decidi passar uma semana numa pousada, com silêncio e lareira, ao sul de Buenos Aires. Uma manhã, lendo um artigo de Marion Milner, topei com uma nota de pé de página que dizia mais ou menos o seguinte: "Se eu tivesse lido *Philosophy in a New Key* antes das provas deste artigo, seu conteúdo seria diferente." Gravei o nome e o título. Horas mais tarde desci ao povoado para comprar papel e, na pequena livraria,

ante meu assombro, achei o livro em questão numa edição *pocket book*. Jung explica...

Levei o livro à pousada e me fascinei. Nunca um livro me fascinou tanto como esse. Amor à primeira vista, instantâneo. Na hora escrevi uma carta dizendo isso. Lembro uma passagem: "A senhora me fez sentir inteligente", dizia, e muitas coisas mais. Formulava meu desejo de ser seu discípulo. Seis meses se passaram e não recebi resposta. Nova carta ferosa. Seis meses se passaram e nada. Uma terceira carta, ainda mais ferosa, e desta vez me chegou a resposta me dizendo que ela trabalhava sozinha e não tinha discípulos, mas que poderia fazer uma exceção. Sugeriu que procurasse trabalho na clínica Austen Riggs, que ficava perto, clínica dirigida por Knight, Erikson e Rappaport, e que poderia trabalhar um dia por semana com ela. Mandei currículo, fotos, etc., e seis meses mais tarde partia para Stockbridge, Massachusetts, com mulher e três filhos. Fim do segundo ato.

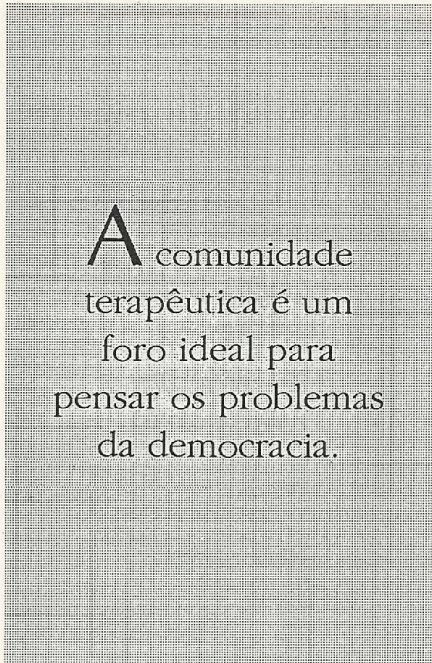
Stockbridge resultou ser uma coquete aldeia, de 1700 habitantes, encravada na floresta Berkshire, a um tiro de canhão de Woodstock. Berço de Lovecraft, Stockbridge tinha a reputação de ser uma jóia da arquitetura da Nova Inglaterra. Sua principal indústria, junto ao turismo, era a clínica de Austen Riggs, uma comunidade terapêutica pioneira.

A vida irreal numa aldeia rica do Primeiro Mundo. Parecia um conto de fadas. Os sinos da igreja tocavam "Parabéns para você" no dia de aniversário de teu filho. Trabalhava pouco - quatro pacientes em média - jogando tênis no verão e esquiando no inverno. Uma ótima biblioteca e reuniões clínicas empolgantes. Um oásis sabático de quatro anos no momento certo.

Erikson e Rappaport, duas figuras marcantes e caracterologicamente opostas. Erikson, já que estamos num conto de fadas, parece um

Papai Noel charmoso. Vê-lo expor sobre um caso clínico, desde sua ótica culturalista, se constituía num raro prazer. Rappaport, afiado teorizador húngaro, era um terror. Nunca estudei tanto psicanálise. Os gnomos da região contavam que ele tinha lido a *Traumdeutung* setenta e sete vezes. A ele devo minha primeira leitura séria do *Capítulo Sete*.

Todas as quintas-feiras viajava um par de horas para meu encontro semanal com Suzanne Langer. Ela era uma enxuta mulher de mais de



A comunidade
terapêutica é um
foro ideal para
pensar os problemas
da democracia.

setenta anos, com olhos azuis de pássaro. Morava numa casa isolada de madeira no meio da floresta. Não tinha nem rádio nem televisão, tocando (mal) seu violoncelo, nos momentos de lazer. Trabalhava 16 horas diárias, escrevendo ao ritmo de duas páginas diárias, belíssimas, por sinal.

Ela me ensinou Cassirer e me orientou em Hegel; eu lhe falava de Bion. Ela me perguntava: "Emilio, o que é o ego para a psicanálise?"; eu lhe respondia com o *Capítulo VII*. Para ela o ego era uma ilusão, um jogo de espelhos. Com ela aprendi

lógica simbólica: seu livro sobre lógica matemática é uma delícia didática. Foram quatro anos, 216 quintas-feiras, onde me constituí em fiel e dedicado ouvido. Como o Tilopa de Rajnesh, eu fui seu único discípulo. Me despedi dela com a triste certeza que nunca mais a veria.

Já falei do impacto na análise da minha primeira criança e no primeiro grupo observado de Bion. Algo semelhante me aconteceu com a comunidade terapêutica. No primeiro dia houve um almoço no pavilhão dos pacientes, e não dava para ver quem era médico e quem não. Se perde o cabide de médico. Aí se recoloca o problema da assimetria transferencial. A comunidade terapêutica é um foro ideal para pensar nos problemas da cidadania, da lei e da democracia.

Dada minha experiência prévia com grupos, tornei-me diretor do programa comunitário pouco tempo depois de minha entrada na instituição. Reservaram um terço de meu tempo à investigação da comunidade, com livre acesso a todos os arquivos da clínica. Essa experiência redundou num livro, *A biografia de uma comunidade terapêutica* que terminei de escrever já de volta a Buenos Aires, em 1963.

Tanto a volta de Londres, dez anos antes, como esta de Stockbridge, não foram assuntos pacíficos. O anseio de ficar em ambos lugares foi grande, e até hoje tenho sonhos bucólicos com sinos batendo na aldeia nevada.⁵

Bakc in Buenos Aires, começa o quarto ato. Muitas coisas vinham na frente. No *mezzo do camino*, acabava de cumprir 40 anos. Este ato se inicia com a separação de minha mulher. Separei-me por amor com uma marciana. "Noune, essa marciana", foi a dedicatória de um livro que escrevi nesses tempos. Noune era uma analista exímia, de bela voz, o suprasumo da feminilidade.

Noune e eu escrevemos um livro, *O contexto do processo analí-*

tico. Aqui começo a considerar-me escritor, por direito próprio. Escrevo uma coleção de contos de ficção científica - *Plenipotência* - e logo um best-seller, *Heroína*, história de amor entre uma tradutora psicótica e um psicanalista japonês, que começa num Congresso Psicanalítico em Bariloche e termina com final incerto nas antípodas.

Junto a esse veio literário, se inicia minha atividade política na APA. Na época estava se operando uma troca de guarda na instituição. A primeira geração, talentosa e pioneira, integrada por Garma, Pichon Rivière, Rascovsky, Racker, Carcamo e Marie Langer, começava a ser questionada por analistas de minha geração: Liberman, Bleger, Grinberg, Nouné e eu. Formávamos o chamado *grupo de Escobar*, já que todos tínhamos nossos sítios nessa localidade. Jorge Balán, em seu livro de feliz título, *Cuéntame tu vida*, nos pinta da seguinte maneira:

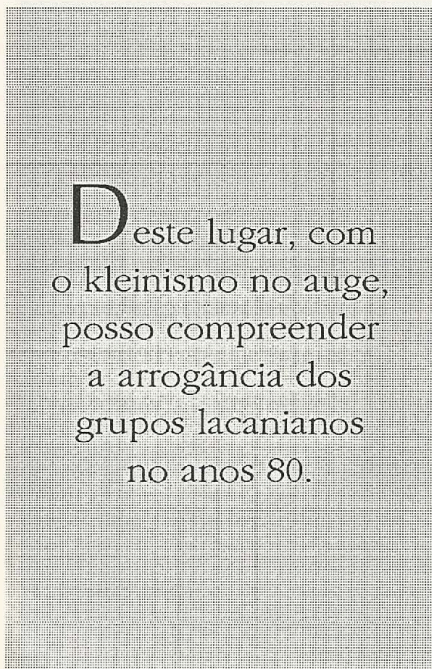
Em Escobar se reuniam os que foram presidentes da APA durante os anos 60. Marie Langer, David Liberman, Leon Grinberg e Emilio Rodríguez, que tinha voltado em 1962. Compartiam a perspectiva kleiniana e uma atitude rigorosa sobre a psicanálise e o exercício da profissão. Durante esses anos este grupo implementou maiores exigências na formação, inclusive acrescentando um quarto ano de seminários, justo quando crescia a demanda de analistas e se alargavam as fileiras daqueles que queriam entrar na APA⁶. ... Pichon Rivière, assim como seus discípulos mais próximos, José Bleger e Fernando Ulloa, mantinham relações cordiais com o grupo de Escobar ... mas não participavam na política interna da APA⁷.

Digamos que foram anos onde conheci o acre e saboroso gosto do poder institucional. Naqueles tempos estive por dentro das manobras de circuito da IPA. Desse lugar, com o kleinismo em auge, posso compreender a arrogância dos grupos lacanianos dos anos 80.

Nossos opositores, Abadi por

exemplo, nos achavam "a encarnação do espírito de seita e de sociedade secreta que enclaustrava a psicanálise."⁸ Isso, hoje em dia, me faz lembrar o *Comitê Secreto* formado por Jones em 1913. Acontece que o poder é introspectivamente cego. Contudo, acho que nosso despotismo foi benévolo.

Talvez, da mesma forma em que existe um trabalho de luto e um trabalho do sonho, exista um trabalho do poder, ligado à metabolização da pulsão de morte. Seja como for, ao procurar a esquina de



Deste lugar, com o kleinismo no auge, posso compreender a arrogância dos grupos lacanianos no anos 80.

minha virada política, diria que foi no seio do grupo de Escobar que comecei a fazer um questionamento político da instituição psicanalítica. Uma coisa boa desses anos foi a consolidação de minha amizade com Marie Langer. Assim como Suzanne L. foi meu mestre de lógica, Marie L. foi de política, no sentido maoísta do termo. Até esse momento eu era, se cabe, um mandarim ingênuo.

Vários fatores contribuíram para essa virada, onde perdi para valer o paletó e a gravata. Na macropolítica soprava o vento renova-

dor do maio francês e do "cordobazo", ambos acontecidos em 1968. Foram os anos de Woodstock e da abertura sexual. Mais perto de casa, muito devo a uma camada de jovens analisados, como Barenblitt, Hornstein e Matracht, que vinham do marxismo e do peronismo de esquerda, e que, junto com Marie L. e Bleger, influenciaram meu pensamento e minha ideologia em geral. Outro fator: na época, eu nunca soube por que e nem como, fui nomeado presidente da Federação Argentina de Psiquiatras (FAP).

A FAP era um sindicato médico altamente politizado, cruel e eficiente. Ainda carecendo de "ouvido" político, aí aprendi outro tipo de jogo político, mais agenciado com a realidade, neste caso a questão da saúde mental e da violência repressiva. Foi quando conheci o medo, que seria minha sombra na próxima década.

Uma sombra mais real, mais encarnada, foi a morte não esperada de Nouné. Aqui se abre o período mais triste e agitado de minha vida. Me deu uma dimensão do trágico. Maria Langer tinha enviuvado meses antes. Sem saber nada sobre a *análise mútua* de Ferenczi-Grodeck, iniciamos uma análise cruzada que, além de útil, estreitou nosso vínculo.

Como interlúdio, Moscou, 1970. Uma maratona psico-existencial, verdadeira encruzilhada que deixou como saldo quatro grandes amigos: Armando Bauleo, Hernan Kesselman, Eduardo Pavlosky e Fernando Ulloa. Noites intermináveis no bar do Hotel Rússia, junto ao Kremlin, onde se bebia em dólares e não em rublos. Altos debates sobre a política, amor, a mulher, os limites da amizade e os imponderáveis do sexo. Com meus pacientes eu tinha sido iniciado à política; com meus novos amigos, às transgressões do pensamento livre. Foi o tempo de amor entre os homens.

Foi o tempo de Plataforma, mi-

nha maior parada no campo da política. Plataforma foi um grupo de ruptura, originado por militantes políticos franceses e analistas italianos, suíços e argentinos. Bauleo, Kesselman e Rotschild, da Suíça, foram os pais da idéia. Sua primeira razão de ser: um questionamento radical da estrutura da associação psicanalítica internacional. Em Buenos Aires se formou um grupo integrado por quatro didatas, Marie Langer, Diego e Gilou Garcia Reynoso, a que se somavam Rafael Paz, Barenblitt, Pavlovsky, Sciarreta, Rozitchner e os pais da criatura. Reuniões semanais de alto nível. Grupo de rinha. Em *O Anti-Yoyo* observo:

*Enlouquecemos ao sair daquela gaiola dourada que era a APA, faltava-nos jogo de cintura e misericórdia. Não tínhamos consciência dos novos limites. Vivíamos saturados de virtude revolucionária.*⁹

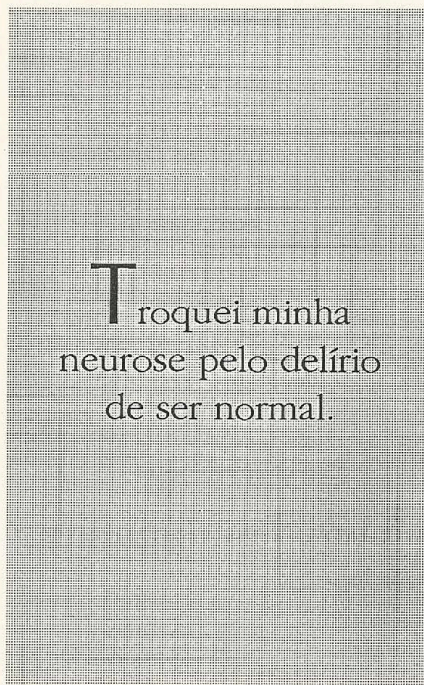
Nossa intransigência nos levou a rejeitar o grupo irmão de *Documento*, liderado por Fernando Ulloa. Talvez os grupos de ruptura tenham que ser cruéis. Lembro que numa noite de setembro, em meu consultório, firmamos nosso documento de ruptura. Até essa época, a IPA tinha promovido duas baixas: a de Reich e a de Lacan. Agora, perto de quarenta analistas, entre eles cinco didatas, somando os membros de Plataforma e Documento, renunciavam à instituição. Foi um ato histórico. Não se deve esquecer que esse foi um pivô na história do movimento psicanalítico. Antes de *Plataforma* não existia a formação de analistas fora da IPA.

E assim cheguei aos 50 anos. Festa para comemorar na casa de amigo rico. Constatado que todos meus convidados, salvo Marie Langer, eram novos amigos. Nessa noite, minha velha amiga me passou uma taça de champanhe, levando-me para o jardim:

- Bem-vindo ao clube dos 50 anos - me disse.

Falou por mais de meia hora, em voz baixa, com sotaque austríaco,

passando-me a contra-senha. O tema era "O desespero e a sabedoria", novo par que entrava na minha vida. Falou sobre a orfandade de pais e filhos e sobre o segredo de Sócrates. O certo é que a partir dessa data minha vida mudou. Entrei, com efeito, na idade da sabedoria. Por incrível que pareça, deixei de ser neurótico. Troquei minha neurose pelo delírio de ser normal. Acho que o trabalho auto-analítico das 100.000 horas junto ao divã foi um fator decisivo. Essa mutação teve a ver com o fato de assumir



Troquei minha neurose pelo delírio de ser normal.

meu dever desejante. Dessa forma entro no próximo ato de minha vida.

Ele foi marcado pela orfandade e pelo exílio. Deixei meu país logo depois da morte de Perón, em 1974. Ficar era um perigo. Minha partida coincidiu com meu terceiro casamento. Martha Berlin: uma águia de mulher. Ela fica em minha memória mais como coterapeuta que como esposa. Juntos formamos o grupo de Salvador, levando durante anos a fio uma vida de "trotamundos". Sete meses em Salvador, quatro em Madri e férias em Paris ou em Esa-

len. Ostracismo com ostras e champanhe.

Martha e eu trabalhávamos com grupos. Para este fim apelamos a técnicas de laboratório e psicodrama. Não é preciso dizer que me afastei da ortodoxia analítica. Como de terapias breves se tratava, inventei uma técnica que os cariocas denominaram de "shampoo" e os madrilênses de "sauna". O tratamento completo durava de uma a três sessões prolongadas, de várias horas, onde usava com o paciente todos meus recursos terapêuticos.

De fato, lembro esses anos como uma gigantesca sauna, com lenço e sem documento. Com o correr do tempo cresceu o anseio de uma residência definitiva, de um jardim, de um canário. Dessa forma, Martha e eu nos instalamos definitivamente em Salvador.

Radicado na Roma Negra, se deu meu retorno a Freud. Comecei a analisar meus pacientes num divã virado carpete, que me incluía. Meu estilo de analisar havia sofrido uma lenta transformação. Minha sintaxe interpretativa deixou de ser "sim, mas ...; para tornar-se "também, aqui e acolá". O livro escrito com Syra Tahin de Lopes, *Um sonho de fim de análise*, dá conta dessa transformação.

Este foi o tempo de meu sofrido encontro com Lacan, mais osso difícil de roer que pedra no caminho. Assim como aprendi o marxismo de meus analisandos dos anos 60, agora apreendi Lacan de meus analisandos da década dos anos 80. Meus mestres foram Urania Peres e Aurélio de Souza. Essa oportuna inversão me livrou da fossilização própria dos pioneiros.

A escrita voltou com força. Nos últimos quinze anos escrevi uma tetralogia. Trata-se de livros difíceis de enquadrar. O estilo parece autobiográfico mas não é. s vezes pensei que estava inventando um gênero literário nos limites entre a ficção e a realidade. Botão de amostra: o presente texto.

Com Martha escrevi *O anti-*

yoyo, que pode se denominar uma aventura amorosa no exílio. Depois vem *A lição de Ondina*, com um sugestivo sub-título, *Um manual de Sabedoria*, seguido de *Ondina, Supertramp*, que transita o caminho erótico da Ética. O último elo da tetralogia - *Gigante pela própria natureza* - merece comentários que têm a ver por meu amor por Bahia. Quando, por um problema de "visto", corria o iminente risco de abandonar minha querência, escrevi:

Querida Bahia:

Esta é a carta de um forasteiro que encontrou uma terra na medida de seus sonhos e de uma história que se foi fazendo em comum. Pela força de um acaso também, pela familiaridade. Escrevo desde o medo que tenho de ter perder, perder teu céu, as pessoas, os coqueiros, a energia de tuas boas vibrações. Nada poderia ameaçar mais minha sabedoria ou, talvez, minha bem trabalhada onipotência. Posso te perder, Bahia, e de pronto compreendo que no limite de um grande amor está a morte.

Hoje não vou falar como psicanalista, nem como escritor, nem sequer como o homem notável que sou. Falar-te-ei como namorado, única chave que abre a intimidade de tuas portas.¹⁰

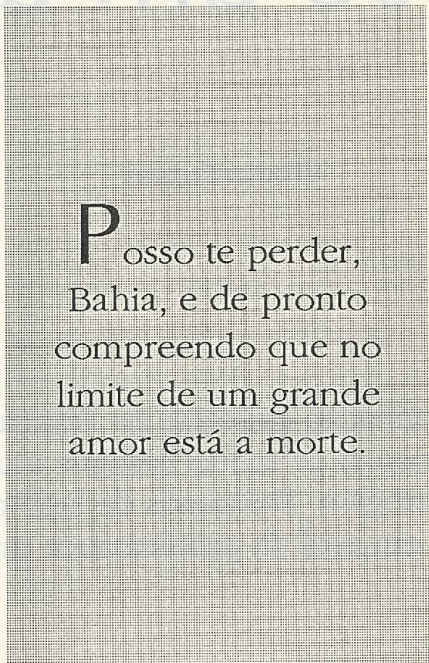
Sou um exilado que inventou sua terra. Mas Bahia é Graça, *the one and only* Graça. *Gigante* narra nosso encontro, um grande amor durado no outono da vida.

Há seis anos que moro em Itapuã, na beira do mar. Caminho pela praia, em transferência com os coqueiros, analiso e escrevo. Às vezes os pescadores me perguntam se eu, por acaso, sou parente de Vinicius. Eu sorrio, não confirmo nem desconfirmando, mas dou a entender que essa é minha filiação.

É em Itapuã, com a ajuda de um computador, que há quatro anos estou engajado no projeto mais ambicioso e ousado de minha vida. Escrever uma biografia de Freud. O

título previsto: *Sigmund Freud, O Século da Psicanálise*. Um superinvestimento. O livro tem data marcada para sua finalização, já que dato o nascimento da psicanálise com o sonho da injeção de Irma, sonhado em 1895.

Nunca investi tanto tempo real e subjetivo em obra alguma. Pode-se falar de um processo, de um devir; às vezes penso que se trata de uma iniciação, onde a idéia de possessão tem que ser lembrada. A biografia como uma possessão sublimada em escrita. De uma coisa estou certo, a gente não sai dessa o mesmo.



Próxima parada, o Réveillon do ano 2000. A lenda pessoal procura sua geografia fantástica, lugar ideal para celebrar a chegada do novo milênio. Em meu caso, Salvador, a Roma Negra, no umbigo dos caminhos que o destino forjou. Desejo passar o Ano Novo do novo milênio na República Independente de Itapuã, frente à minha casa, à borda do mar, brindando com os coqueiros, admirando um céu de fogos de artifício, junto à rutilante graça de Graça, minha mulher.

Até lá.

NOTAS

1. W. Stekel. "Die Verpflichtung des Namens" (1911), *Zeitschrift für Psychotherapie und medizinische Psychologie*, III, p. 110-114.
2. E. Jones, *A Vida e a Obra de Sigmund Freud*, Rio, Imago, II, p. 145.
3. W. Stekel, *Autobiography of W. Stekel: the life-story of pioneer psychoanalyst*, N York, 1950.
4. Carta de James a Lytton Strachey (6.11.1920), in P. Meisel e W. Kendrick (org.), *Bloomsbury Freud*, Nova York, Norton, p. 29-30.
5. Há quatro anos eu fiz um *sentimental journey* a Stockbridge e recebi uma estranha desilusão: nada, absolutamente nada, havia mudado na aldeia, nenhuma casa tinha sido construída ou demolida, parecia que ninguém tinha nascido ou morrido. Dava a impressão de que Stockbridge era uma pavilhão de Epcot, onde aldeias de diferentes países são perfeitamente reconstruídas, tudo tinha a superficial atemporalidade do mundo Disney - impressionante.
6. Lembro-me de uma mãe que pede uma hora, por antecipação, para seu filho que acabava de passar no vestibular de Medicina.
7. Jorge Balán, *Cuentame tu vida, una biografía colectiva del psicoanálisis argentino*, Buenos Aires, Planeta, 1991, p. 201-2.
8. *Ibidem*, p. 202.
9. *O Anti-Yoyo*, Rio, Imago, p. 266.
10. *Ondina, Supertramp*, 1987, Rio, Imago, p. 51.